

# Furtado e os limites da razão burguesa na periferia do capitalismo

Plínio de Arruda Sampaio Jr.<sup>1</sup>

<<A questão de saber se o pensamento humano pode alcançar a verdade objetiva não é uma questão teórica, mas uma questão prática. Na prática, o Homem deve provar a verdade, isto é, a realidade, a objetividade de seu pensamento. A discussão sobre a realidade ou a não-realidade do pensamento - isolada da prática - é uma questão puramente escolástica>>, K. Marx, 2a. Tese de Marx sobre Feuerbach

## 1. Introdução

O pensamento de Celso Furtado sobre os dilemas do desenvolvimento na América Latina é uma severa crítica às mazelas do subdesenvolvimento e uma obstinada defesa da possibilidade de compatibilizar capitalismo, democracia e soberania nacional na periferia do sistema capitalista mundial. Suas idéias refletem as esperanças e as frustrações de uma época histórica marcada pela derrota de todas as tentativas "reformistas" de superar o duplo condicionamento responsável pelo caráter particularmente perverso do capitalismo nas regiões periféricas - o regime de segregação social e a dependência externa. Até o final da década de 60, Furtado acreditou que o subdesenvolvimento pudesse ser substituído pelo desenvolvimento capitalista nacional.<sup>2</sup> A partir de então, com a constatação de que a emergência de um "capitalismo posnacional" solapava as bases do regime central

---

<sup>1</sup> . Plínio de Arruda Sampaio Jr., professor do Instituto de Economia da Universidade Estadual de Campinas - IE/UNICAMP. Artigo preparado para a Revista da Universidade Federal de Uberlândia - UFU, julho 2002.

<sup>2</sup>. O diagnóstico e o receituário que levam Furtado a advogar a necessidade do capitalismo nacional encontram-se sistematizados em seus livros *A Pré-Revolução Brasileira* e *Um Projeto para o Brasil*.

de acumulação, passou a propugnar a viabilidade do desenvolvimento nos marcos de uma economia mundial interdependente. O objetivo deste artigo é compreender como Furtado, um autor particularmente rigoroso, compatibiliza teoricamente a enorme discrepância entre a gravidade e a contundência de seu diagnóstico sobre o impacto devastador da transnacionalização do capitalismo sobre as economias latino-americanas e, em aparente contradição com as conclusões de sua investigação, a sua renitente insistência na viabilidade de uma solução para o impasse do subdesenvolvimento nos marcos do regime capitalista.

A exposição será desdobrada em quatro movimentos. Em primeiro lugar, na seção 2, apresentaremos uma síntese de seu arcabouço analítico, resumindo sua concepção de desenvolvimento e seu modo de caracterizar o subdesenvolvimento. Neste momento, destacaremos sua forma de conceber a relação entre estrutura centro-periferia, modernização dos padrões de consumo e heterogeneidade estrutural - as categorias angulares que organizam a sua crítica ao subdesenvolvimento. Em seguida, na seção 3, mostraremos sua interpretação sobre a natureza do <<capitalismo posnacional>> e seus reflexos sobre o marco histórico que condiciona o desenvolvimento das economias latino-americanas. Nosso propósito é explicitar como ele entende as conexões entre integração da economia mundial, expansão das empresas transnacionais, liberalismo e emergência de uma "nova dependência". Na parte 4, apresentaremos uma breve síntese de sua concepção do processo de superação do subdesenvolvimento. Identificaremos aqui os princípios epistemológicos que permitem a Furtado, independentemente da adversidade do momento histórico,

defender uma saída para o impasse do subdesenvolvimento nos marcos do regime capitalista. Por fim, na seção 5, concluiremos com breves observações sobre o papel de Furtado no pensamento latino-americano e o significado da disputa ideológica em torno do rico legado de sua Economia Política. Apontaremos, então, os desafios teóricos que se colocam para a superação dos limites de sua crítica ao subdesenvolvimento.

## **2. Desenvolvimento e subdesenvolvimento como configurações históricas**

Interpretando o desenvolvimento como a luta do Homem pelo controle do próprio destino e a acumulação como o vetor material que impulsiona o desenvolvimento, o pensamento de Furtado crítica o progresso como valor absoluto capaz de abrir novos horizontes para a realização das potencialidades criativas dos ser humano. Sua reflexão sobre as causas e as conseqüências do processo de incorporação de progresso técnico tem por objetivo estabelecer as condições objetivas e subjetivas que permitem à sociedade burguesa controlar os fins e os meios das transformações econômicas, sociais e culturais que caracterizam o capitalismo. Dada a ausência de critérios éticos na lógica que comanda a busca do lucro, a problemática do desenvolvimento se traduz na necessidade de restaurar a relação de adequação entre a busca da eficiência produtiva - o meio de aumentar o controle do Homem sobre a natureza - e o aumento da riqueza das nações - o objetivo que deve presidir o processo de incorporação de progresso técnico, ou seja, trata-se de recompor a relação de subordinação da vida econômica aos desígnios da sociedade,

relação pervertida pela transformação da produtividade econômica em um fim em si.<sup>3</sup>

Com uma metodologia baseada na construção de **tipos ideais**, de evidente inspiração weberiana, Furtado associa o desenvolvimento capitalista autodeterminado à presença de uma configuração histórica muito particular, de acordo com a qual a concorrência econômica e a luta de classes dão lugar a uma dialética de inovação e de difusão de progresso técnico que combina movimentos sincrônicos e diacrônicos de aumento da eficiência econômica com processos de distribuição do excedente social que asseguram a socialização dos benefícios do progresso pelo conjunto da sociedade, ampliando cada vez mais a capacidade de consumo da sociedade. A essência de seu modelo de desenvolvimento econômico foi sintetizada em *Pequena Introdução ao Desenvolvimento* nos seguintes termos: "A pressão no sentido de reduzir a importância relativa do excedente - decorrência da crescente organização das massas assalariadas - opera como acicate do progresso da técnica ao mesmo tempo em que orienta a tecnologia para poupar mão-de-obra. Dessa forma, a manipulação da criatividade técnica tende a ser o mais importante instrumento dos agentes que controlam o sistema produtivo, em sua luta pela preservação das estruturas sociais. Por outro lado, as forças que pressionam no sentido de elevar o custo de reprodução da população conduzem à ampliação de certos segmentos do mercado de bens finais, exatamente aqueles cujo crescimento se apóia

---

<sup>3</sup> . A concepção de desenvolvimento de Furtado é examinada com detalhe nos seus livros, *Desenvolvimento e Subdesenvolvimento*, *Teoria e Política do Desenvolvimento Econômico*, *Prefácio à Nova Economia Política*, *Criatividade e Dependência na Civilização Industrial* e *Pequena Introdução ao Desenvolvimento*.

em técnicas já comprovadas e abrem a porta para a economia de escala”<sup>4</sup>.

O tipo ideal construído por Furtado pressupõe a existência de forças produtivas portadoras de uma composição técnica do capital condizente com a conformação de um relativo equilíbrio na correlação de forças entre o capital e o trabalho que define a divisão do excedente social entre lucro e salário. É a relação de adequação entre as bases técnicas do aparelho produtivo e as estruturas sociais que moldam o mercado de trabalho que permite que a busca do lucro seja compatibilizada com a elevação sistemática dos salários reais e que a introdução de técnicas cada vez mais produtivas, que economizam trabalho e exigem crescentes escalas mínimas de produção, seja acompanhada de uma dinâmica de acumulação que difunde as inovações até o limite de suas potencialidades técnicas e econômicas, gerando escassez relativa de trabalho e progressiva expansão do mercado nacional. Assim, Furtado concilia, para o benefício de todos, o objetivo dos capitalistas de perseguir lucros crescentes e a luta dos trabalhadores por maiores salários reais. A concorrência econômica e a luta de classes entre o capital e o trabalho pela divisão do excedente social condicionam-se mutuamente para impulsionar o desenvolvimento econômico. Nas suas palavras: “(...) as pressões, tanto para manter a estrutura de privilégios inerentes à sociedade capitalista como para modificá-la, operam convergentemente no sentido de impulsionar o desenvolvimento das forças produtivas. Essa convergência, contudo, não impede que haja períodos em que prevalecem as pressões no sentido de concentrar a renda e outros em que sejam mais fortes os impulsos em sentido

---

<sup>4</sup> . Furtado, C. - *Pequena Introdução ao Desenvolvimento*, pp. 67-68.

contrário. As contradições entre os interesses dos dois grupos de agentes que equipam o sistema produtivo traduzem-se de um lado na dialética da luta de classes, de outro no desenvolvimento das forças produtivas".<sup>5</sup>

No arcabouço analítico de Furtado, a dialética que condiciona a relação de mútua determinação entre inovação à difusão do progresso técnico constitui a referência heurística fundamental que organiza a sua crítica ao processo de modernização desencadeado pela revolução industrial no final do século XVIII. O desenvolvimento supõe uma perfeita simetria entre as estruturas produtivas e as estruturas sociais, o grau de desenvolvimento das forças produtivas e o padrão de mercantilização que condiciona a capacidade de consumo da sociedade. O processo de desenvolvimento econômico é concebido como o movimento de aproximação ao tipo ideal, cujo desafio primordial reside em vencer os obstáculos existentes entre a realidade concreta e o modelo ideal que se pretende alcançar. A pressuposto de tal modelo é que as mudanças econômicas, sociais e culturais devem refletir prioridades sobre o modo de utilizar o excedente econômico que sejam compatíveis com as possibilidades da sociedade de gerar excedentes e com o atendimento das necessidades e aspirações materiais do conjunto da sociedade. Qualquer desvio deste "tipo ideal" é tido como uma distorção que afasta a sociedade do desenvolvimento. Tendo como referência a dialética inovação-difusão das técnicas, Furtado diferencia desenvolvimento e subdesenvolvimento, duas modalidades qualitativamente distintas do processo de modernização capitalista. Ele sintetizou a questão nos seguintes termos:

---

<sup>5</sup> . Furtado, C. - *Pequena ...*, p. 68. Para uma análise detalhada sobre a dialética inovação-difusão ver capítulo 5.

"A formação do sistema econômico mundial apoiou-se, tanto na transformação das estruturas sociais como no processo de modernização do estilo de vida. *Desenvolvimento e subdesenvolvimento*, como expressão de estruturas sociais, viriam a ser as resultantes da prevalência de um ou outro desses dois processos. Cabe, portanto, considerá-los como situações históricas distintas, mas derivadas de um mesmo impulso inicial e tendendo a reforçar-se mutuamente. Quanto mais ampla fosse a divisão internacional do trabalho, mais profundas seriam as transformações sociais no centro do sistema e mais intensa a modernização das formas de vida em sua periferia. Portanto, para compreender as causas da persistência histórica do subdesenvolvimento, faz-se necessário observá-lo como parte que é de um todo em movimento, como expressão da dinâmica do sistema econômico mundial engendrado pelo capitalismo industrial"<sup>6</sup>.

Sem questionar a importância estratégica da iniciativa privada como força motriz do processo de incorporação de progresso técnico, Furtado parte do princípio de que nenhuma organização empresarial, por mais poderosa que seja, é indômita ao poder político, não havendo nada que *a priori* possa impedir a submissão das transformações capitalistas aos desígnios da sociedade. Dentro deste enfoque, o desenvolvimento depende da capacidade de o poder público estabelecer parâmetros institucionais que, ao cristalizar uma determinada situação de mercado, delimitam o campo de atuação da concorrência econômica e da luta de classes, assegurando que a busca do lucro seja compatível com a realização da vontade coletiva. Donde a importância decisiva do Estado nacional como instrumento necessário - ainda que insuficiente

---

<sup>6</sup> . Furtado, C. - *Pequena ...*, p. 23.

- para a civilização do capitalismo. É a convicção de que o capital pode ser sujeito a uma regulação, preventiva ou a *posteriori*, que permite conceber o desenvolvimento como a subordinação do avanço do progresso técnico às aspirações da sociedade nacional. O pressuposto do desenvolvimento é a presença de centros internos de decisão capazes de recompor, sempre que necessário, as condições para que o processo de incorporação de progresso técnico concilie a valorização do capital com o atendimento das necessidades básicas da sociedade nacional. "Um sistema econômico" - afirma Furtado em *Transformações e Crise na Economia Mundial* - "é bem mais do que uma constelação de mercados; pressupõe a existência de um quadro institucional, dentro do qual atua uma estrutura de poder capaz de regular as atividades que qualificamos de econômicas. Entre a chamada 'soberania do consumidor' e a planificação autoritária, muitos são os critérios em que se pode fundar a ordenação das chamadas atividades econômicas. Mas sempre será necessário, para que se dê essa ordenação e a *fortiori* exista um sistema econômico, que as decisões individuais e coletivas dos utilizadores finais do produto social guardem um certo grau de coerência, tanto sincrônica como diacronicamente, o que somente se obtém numa sociedade politicamente organizada"<sup>7</sup>.

Dentro desta perspectiva, a problemática do desenvolvimento envolve não apenas o avanço do capitalismo, mas também a sua obediência aos desígnios da sociedade nacional. Quando examinada do ponto de vista estritamente econômico, a questão se coloca em termos da possibilidade de subjugar a incorporação de progresso técnico a um objetivo que transcende o âmbito estrito do cálculo econômico do capital.

---

<sup>7</sup>. Furtado, C. - *Transformações e Crise na Economia Mundial*, p. 220.



Como expressão da vontade coletiva, cumpre ao planejamento econômico determinar o sentido, o ritmo e a intensidade das transformações capitalistas, compatibilizando-as com as necessidades e as possibilidades da sociedade nacional. Furtado explicita o seu conceito de desenvolvimento de maneira bem precisa: "A rigor, a idéia de desenvolvimento possui pelo menos três dimensões: a do incremento da eficácia do sistema social de produção, a da satisfação de necessidades elementares da população e a da consecução de objetivos a que almejam grupos dominantes de uma sociedade e que competem na utilização de recursos escassos. A terceira dimensão é, certamente, a mais ambígua, pois aquilo a que aspira um grupo social pode parecer simples desperdício de recursos a outros. Daí que essa terceira dimensão somente chegue a ser percebida como tal como parte de um discurso ideológico. Assim, a concepção de desenvolvimento de uma sociedade não é alheia a sua estrutura social, e tampouco a formulação de uma política de desenvolvimento e sua implantação são concebíveis sem preparação ideológica"<sup>8</sup>.

Na visão de Furtado, em sociedades de origem colonial, atrasadas no desenvolvimento das forças produtivas e portadoras de estruturas sociais típicas de regimes de segregação social, o repto do desenvolvimento envolve um duplo desafio. Trata-se não apenas de fomentar o aparecimento e a expansão de forças produtivas e de relações de produção tipicamente capitalistas como também de promover as condições para que o processo de acumulação de capital gere escassez relativa de trabalho - o elemento-chave para o funcionamento da dialética inovação-difusão das técnicas. O pré-requisito deste processo é a cristalização de centros internos de

---

<sup>8</sup> . Furtado, C. - *Pequena ...*, p. 16.

decisão capazes de introduzir "reformas" que aproximem a realidade concreta das exigências do tipo ideal idealizado na dialética inovação-difusão das técnicas. Nestas regiões, o desenvolvimento confunde-se com a problemática da formação, entendida como o processo de gênese das bases materiais, sociais, estatais e culturais de um Estado nacional com relativa autonomia econômica e política dentro do sistema capitalista mundial. Em Furtado, tal estudo é organizado em torno dos dilemas da construção de um sistema econômico nacional. A reflexão articula-se tendo como referência fundamental a oposição entre as exigências do processo de formação e a dura realidade do subdesenvolvimento - uma forma de absorver o progresso que não coaduna com o interesse nacional. Por um lado, o subdesenvolvimento perpetua relações de dependência externa que comprometem a autonomia da sociedade nacional, impedindo-a de controlar o seu tempo histórico. Por outro lado, o subdesenvolvimento implica a perpetuação da fratura social que bloqueia a plena integração da sociedade e do território nacional.

Visto por Furtado como produto de uma circunstância histórica e de uma vontade política, o fenômeno do subdesenvolvimento é associado à conformação de uma estrutura centro-periferia e à decisão de "elites aculturadas" de priorizar a modernização dos padrões de consumo como norte do processo de incorporação de progresso técnico.

A estrutura assimétrica da economia mundial condiciona o subdesenvolvimento à medida que integra num mesmo padrão de transformação produtiva e mercantil formações sociais que possuem fortes disparidades no grau de desenvolvimento das forças produtivas e nas formas de organização das relações de

produção. Ao abrir espaço para a ampliação do excedente social, a economia mundial permite que as economias periféricas participem dos fluxos de progresso gerados nas economias centrais. Ao cristalizar diferenças insuperáveis no ritmo de elevação da produtividade do trabalho e dos salários reais, a difusão desigual do progresso técnico impede que o padrão de eficiência econômica e o estilo de consumo das economias centrais possam ser replicados nas economias periféricas sem provocar grandes distorções no seu aparelho produtivo, nas suas estruturas sociais e na sua capacidade de afirmar a identidade nacional. A segmentação da economia mundial em uma estrutura centro-periferia gera, assim, constrangimentos objetivos que limitam o campo de oportunidades das economias periféricas, impedindo-as de reproduzir as façanhas das economias centrais. Nesse sentido, o subdesenvolvimento deve ser visto como parte de um todo, condicionado historicamente pelo padrão de desenvolvimento capitalista e não como uma fase do desenvolvimento cujos determinantes dependem única e exclusivamente da sociedade nacional. Furtado explicita o problema: "(...) a civilização surgida da revolução industrial européia conduz inevitavelmente a humanidade a uma dicotomia de ricos e pobres, dicotomia que se manifesta entre países e dentro de cada país de forma pouco ou muito acentuada. Segundo a lógica dessa civilização, somente uma parcela minoritária da humanidade pode alcançar a homogeneidade social ao nível da abundância. A grande maioria dos povos terá que escolher entre a homogeneidade a níveis modestos e um dualismo social de grau maior ou menor"<sup>9</sup>.

---

<sup>9</sup> . Furtado, C. - "A Teoria do Subdesenvolvimento Revisitada", In: Economia e Sociedade, n.1., 1992, p.13.

O subdesenvolvimento surge quando, ignorando tais constrangimentos, elites aculturadas, descomprometidas com o destino da Nação, dão primazia à modernização dos padrões de consumo como forma dominante de incorporação das técnicas. Ao estabelecer prioridades materiais em absoluto descompasso com o grau de desenvolvimento das forças produtivas, a opção pela cópia dos estilos de vida das economias centrais marginaliza parcela expressiva da população das benesses do progresso, condenando-as a sobreviver em condições precárias, vinculadas a formas anacrônicas de produção. A tendência à concentração de renda e riqueza daí decorrente dá lugar ao fenômeno da heterogeneidade estrutural que se manifesta nos gritantes desequilíbrios setoriais, sociais e regionais que caracterizam o subdesenvolvimento. A relação de causalidade entre modernização dos padrões de consumo e dualismo estrutural foi resumida por Furtado nos seguintes termos: "Realizando em grande parte sua reprodução no quadro de um sistema informal de produção, as populações ditas marginais são a expressão de uma estratificação social que tem suas raízes na modernização. A *inadequação da tecnologia*, a que se referiram alguns economistas, de um ângulo de vista sociológico traduziu-se na polaridade modernização-marginalidade"<sup>10</sup>.

Assim, estrutura centro-periferia, colonialismo cultural, inadequação tecnológica e excedente estrutural de mão-de-obra aparecem no arcabouço analítico de Furtado como uma unidade - faces necessárias de um processo perverso de incorporação de progresso técnico que, ao inviabilizar a dialética inovação-difusão, compromete o controle sobre os fins e os meios do desenvolvimento nacional, perpetuando nexos de exploração

---

<sup>10</sup> . Furtado, C. - *Pequena ...*, pp. 24-25.

econômica e dominação política em relação às economias centrais. “Foi o esforço visando a unificar o quadro conceitual dessa problemática” - afirma Furtado resumindo a sua teoria do subdesenvolvimento - “que produziu a teoria da *dependência*. Esta se funda numa visão global do capitalismo - enfocado como um sistema econômico em expansão vertical e horizontal e como uma constelação de formas sociais heterogêneas - que permite captar a diversidade no tempo e no espaço do processo de acumulação e as projeções dessa diversidade no comportamento dos segmentos periféricos. Graças a esse enfoque, foi possível aprofundar a análise das vinculações entre as relações externas e as formas internas de dominação social nos países que se instalaram no subdesenvolvimento, bem como projetar luz sobre outros temas de não pequena significação, tais como a natureza do Estado e o papel das firmas transnacionais nos países de economia dependente”<sup>11</sup>.

Furtado não oculta o efeito perverso do desenvolvimento capitalista impulsionado pela modernização dos padrões de consumo sobre as condições que regem a exploração do trabalho. Reconhecendo que a correlação de forças entre o capital e o trabalho no mercado de trabalho não podem ser desvinculada do modo de participação da economia no sistema capitalista mundial, ele admite a existência de um nexo inescapável entre dependência externa e super-exploração do trabalho, cuja base social repousa na reprodução de uma enorme massa de mão-de-obra permanentemente marginalizada do mercado de trabalho. No seu livro *O Mito do Desenvolvimento Econômico* a questão foi resumida assim: “O subdesenvolvimento tem suas raízes numa conexão precisa, surgida em certas

---

<sup>11</sup> . Furtado, C. - Pequena ..., p. 25.

condições históricas, entre o processo interno de exploração e o processo externo de dependência. Quanto mais intenso o influxo de novos padrões de consumo, mais concentrada terá que ser a renda. Portanto, se aumenta a dependência externa, também terá que aumentar a taxa interna de exploração. Mais ainda: a elevação da taxa de crescimento tende a acarretar agravação tanto da dependência externa como da exploração interna. Assim, as taxas mais altas de crescimento, longe de reduzir o subdesenvolvimento, tendem a agravá-lo, no sentido de que tendem a aumentar as desigualdades sociais"<sup>12</sup>.

### **3. "Capitalismo posnacional" e a "nova dependência"**

Atento às mudanças que revolucionaram as bases técnicas, econômicas, empresariais e institucionais do capitalismo na segunda metade do século XX, desde meados da década de 70, Furtado alerta para a emergência de uma nova configuração histórica - o "capitalismo posnacional" - que subverte as premissas históricas que sustentavam o padrão de acumulação ancorado no espaço econômico nacional. Sua análise enfatiza a relação de mútuo condicionamento entre o processo de integração dos mercados centrais, a difusão do padrão de produção e consumo norte-americano e a tendência à concentração de capital que alimenta a internacionalização do capital. A questão fundamental reside no aparecimento de empresas transnacionais, produtivas e financeiras, com um horizonte de acumulação que ultrapassa as fronteiras nacionais e com um grau de autonomia financeira que foge ao controle das autoridades monetárias nacionais. "A integração

---

<sup>12</sup> . Furtado, C. - *O Mito do Desenvolvimento Econômico*, p. 94.

dos mercados dos países centrais” - diz Furtado - “constitui seguramente poderosa alavanca de aceleração do crescimento, porquanto abriu novas possibilidades às economias de escala e intensificou a concorrência. Contudo, sua mais duradoura consequência foi criar condições para que as atividades produtivas se organizassem transnacionalmente. A concentração do poder econômico ia, por essa via, tomar novo fôlego”<sup>13</sup>.

Para Furtado, o papel preponderante das empresas transnacionais como força motriz do dinamismo capitalista tem sérias implicações sobre os fatores que condicionam as decisões econômicas, com reflexos de grande envergadura no plano institucional. Isto porque, no afã de ampliar o circuito mercantil, encontrar novas oportunidades de negócios e sobrepujar todos os obstáculos à acumulação de capital, os conglomerados que operam em escala global lançam mão de todos os expedientes imagináveis para integrar seus circuitos de produção, comércio e financiamento e para aumentar a sua autonomia face ao poder político, criando estruturas operacionais que transbordam as fronteiras dos Estados nacionais. Não é por outra razão que o liberalismo surge como a ideologia por excelência do capitalismo posnacional. As relações de mútuo condicionamento entre integração das economias centrais, fortalecimento das empresas transnacionais e hegemonia do neoliberalismo levam ao paroxismo o processo de unificação produtiva, comercial, financeira e monetária que caracteriza a tendência à globalização dos negócios inerente ao processo de transnacionalização do capital. Não escapou a Furtado o papel protagonista do Estado norte-americano na reconfiguração da economia mundial: “A reconstrução do sistema capitalista, sob

---

<sup>13</sup> . Furtado, C. - Crise e Transformação na Economia Mundial, p. 188.

a tutela dos Estados Unidos, no terceiro quartel do século atual, fez-se no sentido da integração dos mercados nacionais dos países centrais. Os sistemas nacionais, cujas rivalidades conduziram aos dois conflitos mundiais, foram progressivamente desmantelados, passando as suas grandes empresas a estruturar-se globalmente. Esse processo de unificação do espaço econômico no centro seria o fator determinante da extraordinária acumulação que aí ocorreria no período referido. A nova orientação tomada pelo capitalismo privilegiou a tecnologia que se havia desenvolvido nos Estados Unidos. E também acicatou a concentração do poder econômico favorecendo as empresas com capacidade de ação global. Do ponto de vista da periferia, essas modificações adquiriram uma grande significação, pois, enquanto o capitalismo dos sistemas nacionais, tutelados por estados rivais, era por definição nacionalista, voltado para a integração interna, o capitalismo das grandes firmas é naturalmente cosmopolita, orientado para o livre-cambismo e a livre transferência de recursos entre países"<sup>14</sup>.

Furtado adverte que a discrepância entre as condições ideais prescritas na dialética inovação-difusão das técnicas e a dura realidade de um capitalismo posnacional comandado pelas empresas transnacionais gera um divórcio insustentável entre as necessidades da sociedade nacional de submeter a racionalidade instrumental à racionalidade substantiva e a lógica de valorização do capital que preside os interesses das empresas transnacionais.<sup>15</sup> Ao desarticular os centros

<sup>14</sup> . Furtado, C. - *Pequena ...*, pp. 131-132.

<sup>15</sup> . "Tudo leva a crer que o avanço no processo de complexificação das relações entre as economias capitalistas mais avançadas já produziu uma estrutura com certo grau de autonomia, embrião de um possível sistema econômico mais abrangente do que os atualmente existentes. Ora, essa evolução não correspondeu a um avanço no plano institucional, o que explica a forma inadequada como vem sendo praticada a regulação no âmbito



internos de decisão e solapar o poder das forças sociais que se antepõem ao capital, a fratura entre meios e fins provocada pelo afã de aumentar o lucro a qualquer custo não pode ser reparada por uma intervenção do poder público destinada a recompor as condições que permitem compatibilizar a acumulação de capital com a preservação de um relativo equilíbrio na correlação de forças entre o capital e o trabalho.<sup>16</sup> A avaria nos mecanismos de regulação da concorrência não permite que a racionalidade econômica seja subordinada a uma racionalidade substantiva baseada na preservação da solidariedade orgânica entre as classes sociais. A falência das políticas econômicas e sociais de inspiração keynesiana é vista, assim, como um fenômeno estrutural cujas raízes derivam da ausência de condições objetivas e subjetivas para a promoção do desenvolvimento capitalista em bases nacionais. Neste aspecto, Furtado não deixa nenhuma margem a dúvidas: "A forma (...) assumida pelo desenvolvimento [nas economias centrais], sob a influência crescente da tecnologia originada nos Estados Unidos e sob a tutela desse país, produziu estruturas econômicas cuja coordenação interna tende a escapar aos centros nacionais de poder. Os Estados nacionais já não dispõem dos meios necessários para assegurar a consecução simultânea de objetivos como o pleno emprego, a estabilidade interna e externa, o aumento regular dos níveis de consumo. Aquilo que a revolução keynesiana admitiu como sendo uma conquista

---

da nova estrutura", Furtado, C. - *Crise e ...*, p. 221.

<sup>16</sup> . "A suposta racionalidade instrumental, mais abrangente, que emerge no quadro de uma empresa transnacionalizada, não somente é de natureza estritamente instrumental, como também ignora custos de várias ordens internalizados pelos sistemas nacionais em que ele se insere. Em realidade, a empresa transnacional não passa de um corte horizontal nas estruturas nacionais de poder, cuja capacidade de auto-regulação é, conseqüência, reduzida, Sua única legitimidade se funda no fato de que os serviços que ela presta aumentam a eficiência dos sistemas nacionais em que opera", Furtado, C. - *Transformação e ...*, p. 256.

permanente ao nível da política econômica, hoje se afigura como algo inalcançável. Foram de tal ordem as mudanças estruturais que a visão keynesiana, fundada na observação de sistemas nacionais com ampla autonomia de decisão no plano internacional, fez-se totalmente obsoleta”<sup>17</sup>.

A impossibilidade de estabelecer parâmetros éticos para restringir o âmbito de atuação das grandes empresas transnacionais compromete toda e qualquer propriedade civilizadora do processo de modernização impulsionado pela globalização dos negócios. Ao conceber a irracionalidade, a instabilidade e a injustiça social como características inerentes ao capitalismo posnacional, Furtado adverte para o risco de uma crise de civilização que ameaça os próprios fundamentos da vida humana. Destacando o caráter particularmente anti-social e anti-nacional do capitalismo contemporâneo, em um de seus últimos escritos, Furtado alerta para os problemas gerados pela incapacidade de controlar o sentido a ser dado pelas novas tecnologias. “Os avanços espetaculares da biotecnologia também estão exigindo um reexame profundo das relações entre fins e meios no que concerne à criação científica, pois o impacto desta no mundo real é cada vez mais imprevisível. É notório o caso das experiências de clonagem de células animais e das que se anunciam de seres humanos. Os investimentos que se orientam nessa direção são de grande monta. Ora, o avanço das ciências naturais, que tantos benefícios já trouxeram à humanidade, na fase atual ameaça a própria sobrevivência desta. Reproduz-se de forma insidiosa a saga das conquistas espetaculares da

---

<sup>17</sup> . Furtado, C. - *Crise e ...*, p. 130.

física nuclear, cujo saldo é uma ameaça potencial de destruição em escala desconhecida”<sup>18</sup>.

Expostas a um marco histórico particularmente adverso, as sociedades periféricas que ainda não afirmaram a sua identidade nacional ficaram particularmente vulneráveis aos efeitos nefastos do novo marco histórico. Acentuando o caráter assimétrico da economia mundial e reforçando os mecanismos de exploração econômica e dominação política, a transnacionalização do capitalismo agravou o hiato que separa desenvolvimento e subdesenvolvimento. Em meados da década de 70, muitos antes das mutações do processo de integração do sistema capitalista mundial alcançarem as dimensões hoje conhecidas, Furtado já denunciava os perigos que a nova ordem representava para os povos latino-americanos: “A enorme concentração de poder que caracteriza o mundo contemporâneo - poder que se manifesta sob a forma de superestados nacionais e ciclópicas empresas transnacionais, uns e outros apoiados em imensos recursos financeiros, no controle da técnica e da informação e em instrumentos de intervenção aberta ou disfarçada em âmbito planetário - coloca a América Latina em posição de flagrante inferioridade, dado o atraso que acumularam as economias da região e as exíguas dimensões dos mercados nacionais”<sup>19</sup>.

A profundidade das mudanças provocadas pela transnacionalização do capital fez Furtado redefinir radicalmente sua interpretação sobre as condições objetivas que determinam o desenvolvimento das economias periféricas. Diferentemente da situação anterior, marcada pela

---

<sup>18</sup> . Furtado, C. - *Em Busca de Novo Modelo*, p. 51.

<sup>19</sup> . Furtado, C. - *Prefácio à Nova Economia Política*, p. 136.

internacionalização dos mercados internos, na qual ele imaginava que a dependência pudesse ser compatibilizada o desenvolvimento, a "nova dependência", pôs em xeque a capacidade de as economias latino-americanas subordinarem o rumo das transformações capitalistas aos desígnios da sociedade nacional.<sup>20</sup> Sua interpretação enfatiza basicamente dois aspectos: o efeito perverso da globalização dos negócios sobre os centros internos de decisão e seu impacto regressivo sobre as estruturas sociais. "A atrofia dos mecanismos de comando dos sistemas econômicos nacionais" - escreve Furtado em *Brasil: A Construção Interrompida* - "não é outra coisa senão a prevalência de estruturas de decisões transnacionais, voltadas para a planetarização dos circuitos de decisões. A questão maior que se coloca diz respeito ao futuro das áreas em que o processo de formação do Estado nacional se interrompe precocemente, isto é, quando ainda não se há realizado a homogeneização nos níveis de produtividade e nas técnicas produtivas que caracterizam as regiões desenvolvidas"<sup>21</sup>.

Ao contrário daqueles que vislumbraram no novo contexto histórico "janelas de oportunidades" que abriam horizontes promissores para as economias periféricas, a análise de Furtado destaca a mudança qualitativa no caráter da dependência econômica e cultural que passava a condicionar a vida das sociedades latino-americanas.

---

<sup>20</sup> . "Na medida em que a propagação da técnica moderna busca o caminho da transnacionalização, maiores são as dificuldades que se apresentam aos países em desenvolvimento para conciliar o acesso a essa técnica com a autonomia de decisão de que necessitam ao enfrentar os graves problemas sociais que os afligem. Muitos desses problemas surgem do próprio desenvolvimento tardio, que combina um consumismo exacerbado com uma insuficiência estrutural de criação de emprego", Furtado, C. - *Crise e ...*, p. 257

<sup>21</sup> . Furtado, C. - *Brasil: A Construção Interrompida*, p. 9.

Num contexto em que as economias periféricas ficam sujeitas a processos de liberalização radicais, a integração do sistema produtivo internacional exacerba a dependência comercial e tecnológica. Expostas às tendências que levam à especialização das forças produtivas, as economias da região, sem a menor capacidade de competir com as tecnologias de última geração das economias centrais, são empurradas a assumir um papel subalterno na divisão internacional do trabalho. O ajuste ao novo marco histórico inviabiliza a continuidade do processo de industrialização por substituição de importações e incentiva a expansão de atividades exportadoras em que o país detém vantagens comparativas no comércio internacional, revitalizando as atividades características de economias de tipo colonial. A ruptura dos elos de articulação da cadeia industrial que acompanha o aumento do coeficiente de importação provoca a desarticulação dos nexos causais entre gasto e renda responsáveis pela expansão do mercado interno, deslocando o centro dinâmico do crescimento para o exterior. Furtado resumiu o sentido da nova divisão internacional do trabalho assim: "Independentemente das mudanças na configuração da estrutura de poder político mundial, deve prosseguir a realocação de atividades produtivas provocada pelo impacto das novas técnicas de comunicação e da informação, o que tende a concentrar em áreas privilegiadas do Primeiro Mundo as atividades criativas, inovadoras ou simplesmente aquelas que são instrumento de poder"<sup>22</sup>.

<sup>22</sup> . Furtado, C. - "Globalização das estruturas econômicas e identidade nacional", In: Estudos Avançados 6(16), 1992. A avaliação de que a transnacionalização do capital desarticula as bases do processo de industrialização por substituição de importações não é contraditória com a sua interpretação sobre a possibilidade de deslocamento de unidades industriais para a periferia. Donde a conjectura sobre a possibilidade de conciliar capitalismo posnacional, modernização dos padrões de consumo e

Numa situação em que a tendência estrutural a desequilíbrios externos é exacerbada e a liberdade de movimento de capitais alcança os píncaros, o aprofundamento da integração do sistema monetário e financeiro internacional leva a dependência financeira das economias latino-americanas a níveis extremos, elevando sua vulnerabilidade à pressão da comunidade econômica internacional. Nessas condições, as economias da região ficam sujeitas a formas, mais ou menos explícitas, de tutela sobre a política econômica. Escrevendo no início dos anos oitenta sobre o significado do monitoramento da política econômica brasileira pelo FMI, Furtado adverte para o risco que significa a renúncia de um projeto nacional: "O Brasil vive atualmente uma fase de sua história similar à dos anos 90 do século passado, quando, sob a pressão de desequilíbrios financeiros externos, renunciou a ter uma política de industrialização e acomodou-se na situação de economia exportadora de produtos primários e importadora de manufaturas. Perderam, em consequência, quarenta anos e a fisionomia do país foi marcada de forma indelével"<sup>23</sup>.

Se não bastasse a paralisia dos centros internos de decisão, o avanço da transnacionalização do capital deixa o desenvolvimento das forças produtivas à mercê das estratégias

---

industrialização periférica. A avassaladora ofensiva do neoliberalismo nos anos 80 parece ter arrefecido o otimismo em relação à importância dos países de industrialização recente - os chamados NICs - como atores capazes de contrabalançar o crescente poder das economias centrais, otimismo que tinha levado Furtado a aventar a possibilidade de uma reforma progressista da Ordem Econômica Internacional. A retirada do capítulo XII das últimas edições de *Pequena Introdução à Economia*, no qual Furtado expõe a sua interpretação sobre a possibilidade de uma ordem internacional menos desfavorável aos países periféricos, parece confirmar a sua mudança de opinião.

<sup>23</sup> . Furtado, C. - *A Nova Dependência*, p.63.

de concorrência oligopolista das empresas transnacionais em escala planetária, comprometendo a possibilidade de políticas de investimentos que levem em consideração as exigências do processo de integração do território nacional. Nessas circunstâncias, a expansão do aparelho produtivo fica sujeita a um duplo movimento: o estímulo ao regionalismo aberto, que permite uma maior racionalização da presença das empresas transnacionais no âmbito das economias regionais, e o incentivo ao livre comércio, que atua no sentido da racionalização de sua operação em escala global. Referindo-se novamente ao caso brasileiro, Furtado alerta para o risco de fragmentação do território nacional que esta situação representa (tendência, diga-se de passagem, presente em praticamente todos os países da América Latina). "Em um país ainda em formação, como é o Brasil, a predominância da lógica das empresas transnacionais na ordenação das atividades econômicas conduzirá quase que necessariamente a tensões inter-regionais, à exacerbação de rivalidades corporativas e à formação de bolsões de miséria, tudo apontando para a inviabilização do país como projeto nacional"<sup>24</sup>.

Por fim, Furtado destaca a presença de processos que atuam no plano dos valores e que exacerbam a dependência cultural, levando-a ao paroxismo. A difusão acelerada dos padrões de consumo, potencializada pelas transformações revolucionárias nas áreas de transporte e comunicação, acirra a tendência das classes médias e altas a mimetizar os padrões de consumo das economias centrais. A absoluta hegemonia do neoliberalismo como doutrina que orienta a ação do Estado, num contexto de falência do projeto desenvolvimentista e de profunda crise de identidade nacional, implica pura e simplesmente a

---

<sup>24</sup> . Furtado, C. - *Brasil: A ...*, p.35.

inviabilidade prática de qualquer tipo de política pública de caráter republicano, tudo convergindo para a inviabilização do processo de formação de economias nacionais. Donde a urgência de Furtado de denunciar o neoliberalismo - a ideologia do capitalismo posnacional - como a ideologia do desmonte da Nação. "A luta contra as ambigüidades da doutrina monetarista - afirma Furtado no início dos anos 80 - exige uma crítica da prática do desenvolvimento periférico na fase de transnacionalização. O que está em jogo é mais do que um problema de desmistificação ideológica. Temos que interrogar-nos se os povos da Periferia vão desempenhar um papel central na construção da própria história, ou se permanecerão como espectadores enquanto o processo de transnacionalização define o lugar que a cada um cabe ocupar na imensa engrenagem que promete ser a economia globalizada do futuro. A nova ortodoxia doutrinária, ao pretender tudo reduzir à racionalidade formal, oblitera a consciência dessa opção. Se pretendemos reavivá-la, devemos começar por restituir à idéia de desenvolvimento o seu conteúdo político-valorativo"<sup>25</sup>.

Em suma, da visão abrangente de Furtado surge uma devastadora crítica da globalização dos negócios que associa capitalismo posnacional, nova dependência e tendência à reversão neocolonial. Sua análise explicita as relações inextrincáveis entre integração da economia mundial, emergência da empresa transnacional como força motriz do capitalismo e liberalismo como doutrina econômica dominante - processos constitutivos do capitalismo contemporâneo - com um conjunto de tendências que, se não forem superadas, colocam em questão a própria sobrevivência das sociedades latino-americanas como Estados nacionais capazes de impor um sentido civilizador à

---

<sup>25</sup> . Furtado, C. - A Nova ..., p. 132.



modernização capitalista - a inserção hierárquica na divisão internacional do trabalho, a crise da industrialização por substituição de importações, a revitalização da economia colonial, o deslocamento do centro dinâmico da economia para o exterior, o aprofundamento do desequilíbrio estrutural no balanço de pagamentos, a mudança de qualidade na instabilidade cambial, a tutela da comunidade financeira internacional sobre a política econômica, a adoção de programas de ajuste regressivos que subordinam todos os aspectos da vida nacional às exigências da ordem global, a acelerada desnacionalização da economia, o aumento das rivalidades inter-regionais que ameaçam a unidade territorial da nação, o acirramento do mimetismo cultural que impulsiona a modernização dos padrões de consumo, a alarmante ampliação do excedente estrutural de mão-de-obra que alimenta a crise social, a hegemonia do neoliberalismo, a desarticulação dos centros internos de decisão, a americanização dos estilos de vida e a crise de identidade nacional. Em poucas palavras, a globalização dos negócios quebra as sinergias econômicas, sociais e políticas que haviam dado coerência aos regimes de acumulação ancorados nos sistemas econômicos nacionais. "Com o avanço da internacionalização dos circuitos econômicos, financeiros e tecnológicos, debilitam-se os sistemas econômicos nacionais. As atividades estatais tendem a circunscrever-se às áreas sociais e culturais. Os países marcados por acentuada heterogeneidade cultural e econômica serão submetidos a crescentes pressões desarticuladoras. A contrapartida da internacionalização avassaladora é o afrouxamento dos vínculos de solidariedade histórica que unem, no quadro de certas nacionalidades, populações marcadas por acentuadas disparidades de nível de vida", diz Furtado.<sup>26</sup>

---

<sup>26</sup> . Furtado, C. - *Brasil: A ...*, p. 57.

#### **4. As vias para o desenvolvimento nacional e os limites da teoria do subdesenvolvimento**

Furtado concebe a superação do subdesenvolvimento como um ato soberano de vontade política, cuja essência reside em vencer os obstáculos técnicos, econômicos, sociais e culturais que bloqueiam o pleno controle das sociedades latino-americanas sobre os fins e os meios do desenvolvimento nacional. O desafio é romper a dupla articulação que distancia o subdesenvolvimento do modelo capitalista ideal, baseado na dialética inovação-difusão das técnicas. O nó da questão consiste em enfrentar a situação de dependência externa e o problema do excedente estrutural de mão-de-obra. Na sua visão, a mudança decisiva, que desencadeia uma nova dinâmica de incorporação de progresso técnico, origina-se no plano cultural. Visto como um processo de longa duração, o crucial é abandonar a modernização dos padrões de consumo - a causa última do subdesenvolvimento - como prioridade que orienta a organização da vida econômica.

A convicção de que o capitalismo posnacional tornara-se uma realidade irreversível e a avaliação de que uma opção pela desconexão com a economia mundial provocaria custos econômicos indesejáveis levaram Furtado a abandonar a bandeira do desenvolvimento capitalista nacional como alternativa capaz de abrir novos horizontes para as sociedades subdesenvolvidas.<sup>27</sup> Descartada a viabilidade de um

---

<sup>27</sup> . O impacto específico do novo contexto histórico sobre as economias que fazem parte da periferia do sistema econômico mundial é discutido em "Dependência num mundo unificado", In: Furtado, C. - *Criatividade e Desenvolvimento*.

regime de acumulação centrado no espaço econômico nacional e afastada a conveniência de uma solução socialista, Furtado, em aparente contradição com a gravidade de sua interpretação sobre o caráter da nova dependência, prega uma saída para o impasse do subdesenvolvimento nos marcos do próprio capitalismo posnacional, propugnando a alternativa de um desenvolvimento endógeno, cuja essência consiste no controle dos fins que orientam a incorporação de progresso técnico (e não mais dos fins e nos meios). Escrevendo no início da década de 80, quando a virulência da contra-revolução liberal ainda não havia se delineado claramente, no fecho de seu livro, *Brasil: A Construção Interrompida*, ele explicita suas esperanças: "Condições se estão reunindo para que os países do Terceiro Mundo realizem efetivos progressos em seu empenho de modificar as regras do jogo, com vistas a romper a tutela tecnológica e financeira que atualmente lhes é imposta. Mas os ganhos que se obtenham somente serão definitivos se um esforço simultâneo for realizado para modificar o atual modo de desenvolvimento, cuja lógica interna engendra no Terceiro Mundo sociedades elitistas e predatórias"<sup>28</sup>.

Ao contrário do que se poderia imaginar quando se leva em consideração as dificuldades apontadas pelo seu diagnóstico, os supostos que fundamentam a sua crença no desenvolvimento endógeno a partir de uma situação periférica - a criação de formas supranacionais de regulação da concorrência econômica, a possibilidade de uma economia mundial baseada em relações de interdependência e o controle das sociedades periféricas sobre seus centros internos de decisão - são perfeitamente consistentes com as bases teóricas e metodológicas que fundamentam o pensamento de Furtado. A coerência analítica

---

<sup>28</sup> . Furtado, C. - *Pequena ...*, p. 161.

entre o diagnóstico e o receituário é dada pelo seu modo de interpretar a realidade como uma **contingência histórica**, maleável a diferentes configurações, e não como uma necessidade histórica com sentido imanente, decorrente de contradições irreduzíveis que regem o movimento do capitalismo. Nesta divergência, o que está em questão é a magnitude do raio de manobra da sociedade burguesa para modelar o desenvolvimento capitalista conforme as suas conveniências.

Mesmo admitindo a presença de grandes assimetrias na economia mundial, reconhecendo a cristalização de relações de exploração econômica e dominação política entre o centro e a periferia e interpretando o subdesenvolvimento como uma forma possível da modernização capitalista, Furtado rejeita a idéia de que exista uma conexão necessária entre a prosperidade das economias centrais e a necessidade de mecanismos de transferência de renda das economias periféricas que repousam em última instância na super-exploração do trabalho; não aceita a noção de que o desenvolvimento capitalista leve necessariamente ao aparecimento do imperialismo como superestrutura do capitalismo; e refuta a suposição de que a condição periférica constitua um determinante inescapável do subdesenvolvimento. Comentando a formação da estrutura centro-periferia, Furtado explicita sua visão contingencial da realidade histórica: "Impõe-se, (...), uma visão global do sistema capitalista que tenha em conta o que é invariante em suas estruturas e o que surge da História e está em permanente transformação. A forma de apropriação do excedente mediante transações mercantis e com base no controle de um excedente preexistente, é invariante. Os reflexos dessa forma de apropriação do excedente no sistema de dominação social

produzem-se historicamente, em função da relação de forças vis-à-vis de outras formas de apropriação do excedente e do grau de integração dos grupos sociais afetados. Que o sistema capitalista se haja estruturado na polaridade centro-periferia, desenvolvimento-subdesenvolvimento, dominação-dependência é essencialmente um fato histórico, que a ninguém ocorreria considerar como uma 'necessidade', conseqüência inelutável da expansão do modo capitalista de produção"<sup>29</sup>.

Antes de representar falta de rigor teórico, inconsistência metodológica, contradição com a sua interpretação histórica ou puro e simples abandono da razão como guia da ação, o nexo entre diagnóstico e receituário, perfeitamente coerente quando avaliado em seus próprios termos, põe em evidência o limite de sua crítica do subdesenvolvimento e o horizonte "reformista" que orienta a sua utopia de um desenvolvimento capitalista civilizado na periferia da economia mundial.

Preocupado em estabelecer os desafios que se colocam para vencer a situação de subdesenvolvimento, Furtado combina o método histórico-estrutural latino-americano com a construção

---

<sup>29</sup> . Furtado, C. - *Pequena ...*, p. 82. A convicção de que o imperialismo não é intrínseco ao capitalismo se baseia na idéia de que a economia industrial possui dinamismo endógeno que dispensa a necessidade da conquista de mercados externos. A essência de seu argumento sobre a viabilidade de um capitalismo em só país foi exposta com clareza em *Desenvolvimento e Subdesenvolvimento*, um de seus primeiros trabalhos: "(...) indicamos que esse avanço da tecnologia abriu oportunidades aos capitais, em permanente acumulação, de reincorporar-se ao processo produtivo. Dessas observações depreende-se que a economia industrial, ao contrário do que ocorria com as economias comerciais, não necessita de uma fronteira geográfica em expansão para crescer. O seu desenvolvimento opera-se, basicamente, em profundidade, isto é, traduz a intensificação da capitalização no processo produtivo. Demais, o crescimento, na economia industrial, é imanente ao sistema e não contingente, como ocorre com a economia comercial", pp. 153-153. Em "As teorias marxistas do 'capitalismo imperialista'", Furtado sistematiza sua crítica à teoria marxista do imperialismo, In: *Teoria e Política do Desenvolvimento Econômico*, pp. 257-262.

de tipos ideais de inspiração weberiana, para estabelecer o marco histórico mais geral que define a especificidade dos parâmetros que condicionam o desenvolvimento nacional na periferia da economia mundial. Ao alçar o bem-estar da Nação como objetivo último do desenvolvimento, sua visão assume o capitalismo regulado como a mais alta expressão da civilização contemporânea. A naturalização do Estado nacional burguês, definido como um fim em si, associado aos valores do pesquisador, oculta os antagonismos de classe inerentes ao regime capitalista. Quando a realidade estivesse próxima do modelo ideal representado pela dialética inovação-difusão das técnicas, a sociedade teria se adequado aos princípios da razão e seu arcabouço analítico perderia toda a força crítica para se transformar no seu contrário: a apologia do capitalismo como força motriz do desenvolvimento. Donde a mitificação do Estado de Bem Estar como uma espécie de situação histórica ideal que concilia de maneira duradoura os interesses da burguesia e do proletariado.

Ao camuflar o fato de que numa sociedade polarizada entre o capital e o trabalho nem todos os homens têm a mesma capacidade de controlar o seu destino, o alcance parcial e arbitrário da abstração de Furtado ignora que a situação concreta da classe trabalhadora implica necessariamente a sua exploração e a sua alienação.<sup>30</sup> É tal procedimento que lhe permite desvincular a lei de movimento do capitalismo e a luta de classes dos antagonismos gerados pelo processo de extração de mais valia, associando o dinamismo econômico às

---

<sup>30</sup> . A propósito convém lembrar a observação de Herbert Marcuse a respeito dos efeitos do despotismo do capital na vida dos operários: "si el ejercicio del espíritu absouto, el arte, la religion y la filosofia constituyen la esencia del hombre, el proletariado está excluido definitivamente de esta esencia, pues su existencia no le permite tener tiempo para dedicarse a estas actividades", *Razon y Revolución*, p. 257.

decisões tomadas no âmbito do processo de circulação que têm como pano de fundo o braço de ferro entre o capital e o trabalho pela divisão de um excedente econômico (cuja origem, diga-se de passagem, fica desvinculada do processo de produção).<sup>31</sup> Afastado o fantasma da revolução social, o futuro do capitalismo torna-se um problema eminentemente político associado à capacidade de acomodar as tensões entre o capital e o trabalho pelo crescimento econômico e pela distribuição dos frutos do desenvolvimento econômico. "O acesso da massa trabalhadora a formas de consumo antes privativas das classes que se apropriam do excedente, criou para aquela um horizonte de expectativas que condicionaria o seu comportamento no sentido de ver, na confrontação de classes, mais do que um antagonismo irreduzível, uma série de operações táticas em que os interesses comuns não devem ser perdidos de vista"<sup>32</sup>.

A utilização de uma teoria do excedente que estabelece as relações causais entre a geração, a distribuição e a utilização do produto social como marco analítico para organizar a reflexão sobre o desenvolvimento nacional permite a Furtado associar o dinamismo do capitalismo a determinantes técnicos e culturais subordinados ao livre arbítrio da sociedade nacional. A desvinculação do excedente econômico do

<sup>31</sup> . Ao circunscrever a contradição entre o capital e o trabalho ao âmbito das lutas econômicas, Furtado acaba transformando a luta de classes no "motor" do capitalismo. Em *Dialética do Desenvolvimento*, ele colocou a questão nos seguintes termos: "O desenvolvimento do capitalismo, na sua fase mais avançada, deriva o seu principal impulso dinâmico da agressividade da massa trabalhadora, que luta para aumentar sua participação no produto social. Essa agressividade, pondo em risco a taxa de lucro da classe capitalista, suscita como reação o interesse pelas inovações tecnológicas que tendem a reduzir a demanda de mão-de-obra por unidade de produto", Furtado, C. - *Dialética do ...*, p. 64.

<sup>32</sup> . Furtado, C. - *O Mito ...*, p. 85. Em *Prefácio à Nova Economia Política*, ele define o capitalismo nos seguintes termos: "O uso de um excedente como instrumento para captação de outro excedente, decorrência natural das operações de intercâmbio, é a base das formações sociais que chamamos genericamente de capitalismo", p. 36. Seu modo de compreender o capitalismo está resumido nas páginas 36 a 44.

processo de geração de mais valia desloca o centro da análise do processo de produção para o processo de distribuição. Deste modo, o caráter do desenvolvimento capitalista deixa de estar regido pela lei do valor. Ao rejeitar a existência de regularidades "naturais" que funcionam como leis imanentes, o arcabouço conceitual de Furtado afasta a possibilidade de que as transformações que caracterizam o desenvolvimento capitalista fiquem subordinadas a necessidades históricas inexoráveis, determinadas pelas contradições que brotam como forças tectônicas da própria realidade. Na ausência de uma teoria do valor, o caráter alienante do processo de valorização do capital e seus efeitos contraditórios sobre a sociedade passam a ser vistos como contingências e não como necessidades históricas.

Ao rejeitar a idéia de que as taras do capital possam derivar do próprio metabolismo do regime capitalista e ao destacar as potencialidades progressistas da iniciativa privada como veículo de progresso técnico, Furtado abre espaço para a edulcoração da sociedade burguesa. É tal construção que lhe permite conciliar a extraordinária capacidade de criticar a realidade quando ela se afasta do "tipo ideal" e a defesa do regime capitalista regulado como alternativa civilizadora. São inúmeras as afirmações de Furtado reiterando a ausência de leis de movimento que condicionam o formato do capitalismo e a sua grande maleabilidade a diferentes formas de combinações entre centro e periferia, Estado e mercado, moderno e atraso. É exemplar desta sua visão a crença na possibilidade de uma configuração diferente, com caráter construtivo, para o próprio capitalismo posnacional: "(...) a internacionalização do sistema produtivo, na forma assumida nos últimos decênios, traduz muito mais os interesses das



grandes empresas e do capital financeiro do que uma necessidade engendrada pela própria lógica do sistema”<sup>33</sup>.

Elevando a criatividade cultural à condição de categoria transcendental responsável pela transformação da sociedade, Furtado desvincula as decisões cruciais que definem o futuro da sociedade das contradições que impulsionam a luta de classes e que condicionam o seu devenir. Com este procedimento, a força motriz da história desloca-se da luta entre sujeitos históricos com interesses estratégicos irreconciliáveis para a luta entre atores sociais que se batem por valores discrepantes. A definição da situação histórica que condiciona a ação do homem como uma estrutura composta de nexos parciais e prováveis, unidos por relações de causa e efeito, exclui totalidades dialéticas que expressem conexões orgânicas entre opostos. Assim, o campo de oportunidades que define as possíveis alternativas da sociedade para enfrentar seus dilemas deixa de estar relacionado a necessidades históricas, geradas pelo acirramento das contradições, para vincular-se aos valores que regem as decisões da sociedade, materializando-se na forma de uma reação de insatisfação pela distância entre os modelos ideais que orientam a ação do homem e a sua realidade concreta.<sup>34</sup>

---

<sup>33</sup> . Furtado, C. - *Pequena ...*, p. 154.

<sup>34</sup> . A importância crucial da criatividade, de reconhecida inspiração em Nietzsche, como mola propulsora do desenvolvimento foi sintetizada por Furtado nos seguintes termos: “Os conceitos de *estrutura* (forma) e de *processo* (causalidade) são ingredientes fundamentais no trabalho cognoscitivo. A nossa visão do mundo tem aí os seus pontos de apoio básicos. O enfoque estrutural, porque permanece no plano das descrições morfológicas e exclui a noção de causalidade, encurta o horizonte cognoscitivo. Por outro lado, o enfoque analítico conduz a um determinismo localizado e oculta o qualitativo. Aristóteles pretendeu integrar esses dois conceitos a partir do princípio de *finalidade*. Na metodologia das ciências sociais é concebível obter essa integração a partir da noção de *criatividade*, admitida esta como a faculdade humana de

Dentro desta perspectiva, o sentido da mudança social fica indeterminado, pois ainda que se admita a inegável influência do passado no condicionamento do futuro, não se descartam surpresas histórica que não estavam inscritas no movimento anterior da sociedade. Como o novo não é concebido como uma diferenciação do velho, mas como o resultado de uma inovação cultural, o passado condiciona o futuro, mas não se impõe como determinante histórico inescapável, deixando em aberto um amplo leque de possibilidades históricas. Tal procedimento permite a Furtado explicitar as contradições do subdesenvolvimento (e do próprio capitalismo) sem ter de considerá-las como realidades históricas que implicam a necessidade inexorável de negar o capitalismo. Na ausência de contradições que reflitam a unidade de contrários, este marco analítico fica livre para imaginar soluções por meio de mudanças nos termos da problemática, jogando toda a responsabilidade pelo futuro do capitalismo na capacidade de inovação da sociedade burguesa. A recusa em aceitar a idéia de que o processo histórico é portador de um sentido imanente é explicitada na sua forma de conceber o futuro das sociedades subdesenvolvidas: "O subdesenvolvimento, como o deus Janus," - afirma Furtado em seu artigo "O Subdesenvolvimento Revisitado" - "tanto olha para frente como para trás, não tem orientação definida. É um impasse histórico que espontaneamente não pode levar senão a alguma forma de catástrofe social".<sup>35</sup>

---

interferir no determinismo causal, enriquecendo de novos elementos um qualquer processo social. Quando alcança certa ponderação, ou quando converge a ação de vários deles, os atos inovadores provocam descontinuidade estrutural. A faculdade inovadora (criatividade) da qual existe plena evidência no plano sociológico, assumiria assim estatuto no plano lógico", Furtado, C. - *Criatividade e ...*, p. 172.

<sup>35</sup> . Furtado, C. - "O Subdesenvolvimento Revisitado", in: *Economia e Sociedade*, n.1. 1992, p.19.

A ausência de nexos orgânicos necessários entre as partes que compõem o todo abre espaço para que Furtado trabalhe com a noção de sociedade industrial, entendida como um padrão de civilização que dá primazia absoluta ao desenvolvimento das forças produtivas. Ao transformar o império da racionalidade instrumental na organização da produção como denominador comum que unifica todas as formas de organização da sociedade moderna, esta abordagem dilui a oposição dialética entre capitalismo e socialismo. A desconexão entre o desenvolvimento capitalista e o processo histórico que prepara as bases objetivas e subjetivas para o advento do socialismo - um regime de transição para o comunismo - deixa o caminho livre para transformar a alternativa entre capitalismo e socialismo num problema moral, que depende das preferências e dos valores de cada um, completamente desvinculado das contradições e dos antagonismos ineludíveis que brotam inexoravelmente do desenvolvimento capitalista.

Tal procedimento permite a Furtado distinguir as diferentes vias para a superação do subdesenvolvimento em função das várias formas de combinar mercado e Estado, maior ou menor desigualdade social, maior ou menor exposição à concorrência internacional. As estratégias para a endogeneização do desenvolvimento passam, assim, a diferenciar-se pela prioridade relativa dada às seguintes alternativas: distribuição de renda ou aumento da riqueza nacional; centralização ou descentralização do sistema econômico; e maior ou menor integração comercial, produtiva e financeira no sistema econômico mundial. Explicitando a sua preferência por uma saída "reformista" do subdesenvolvimento, Furtado resumiu as vantagens de uma solução baseada no capitalismo

civilizado: "As experiências (...) ensinam que a homogeneização social é condição necessária mas não suficiente para alcançar a superação do subdesenvolvimento. Segunda condição necessária é a criação de um sistema produtivo eficaz dotado de relativa autonomia tecnológica, o que requer: (a) descentralização de decisões que somente os mercados asseguram; (b) ação orientadora do Estado dentro de uma estratégia adrede concebida; (c) exposição à concorrência internacional. Também apreendemos que para vencer a barreira do subdesenvolvimento não se necessita alcançar os altos níveis de renda por pessoa dos atuais países desenvolvidos"<sup>36</sup>.

Sob reconhecida influencia de Karl Mannheim, Furtado atribui um papel decisivo ao intelectual crítico como artífice da ruptura com o círculo vicioso do subdesenvolvimento. A seu ver, a inexistência de uma burguesia nacional e o estado de anomia das massas trabalhadoras transformam a *intelligentsia nacional* em uma espécie de demiurgo da nação, responsável - por cima dos interesses particularistas que a cercam - pela identificação dos problemas do país, pela definição de um receituário para resolvê-los e pela sua materialização em vontade política. Ao enfatizar os valores que devem reger o desenvolvimento nacional e a importância crucial de uma relação de adequação entre meios a fins, Furtado transforma a razão em parteira da Nação.

O equacionamento da luta política a partir da contraposição entre elites dirigentes e massas dominadas descarta o papel da luta de classes e da violência revolucionária na história. O receituário para a superação do subdesenvolvimento fica, assim, circunscrito aos marcos das soluções institucionais,

---

<sup>36</sup> . Furtado, C. - *O Subdesenvolvimento ...*, p.15.

atendo-se ao horizonte republicano que orienta a sua visão de mundo. Escrevendo no calor dos acontecimentos que antecederam o golpe militar de 1964, em *Dialética e Desenvolvimento*, Furtado afirma: "A responsabilidade dos intelectuais em nenhuma época foi tão grande como no presente. E essa responsabilidade vem sendo traída pela ação de uns e a omissão de outros. (...) Não se pretende que exista uma moral dos intelectuais por cima de quaisquer escalas de valores, as quais estão necessariamente inseridas nalgum contexto social. Mas, não se pode desconhecer que o intelectual tem uma responsabilidade social particular, sendo como é o único elemento dentro de uma sociedade que não somente pode, mas deve, sobrepor-se aos condicionantes sociais mais imediatos do comportamento individual. Isto lhe faculta mover-se num plano de racionalidade mais elevado e lhe outorga uma responsabilidade toda especial: a da inteligência. Porque tem essa responsabilidade, o intelectual não se pode negar a ver mais longe de que lhe facultam as lealdades de grupo e as vinculações de cultura. Seu compromisso supremo é com a dignidade da pessoa humana - atributo inalienável do ser do intelectual"<sup>37</sup>.

A inexistência de vínculos orgânicos necessários entre a consciência dos sujeitos históricos e suas condições concretas de existência, assim como entre o conteúdo das políticas públicas e o caráter das classes sociais que controlam o processo produtivo dá lugar a uma concepção instrumental do Estado. A idéia de um poder público que paira sobre a sociedade, desvinculado da luta de classes, deixa o futuro à mercê da "vontade política" das elites dominantes. A idéia de que é perfeitamente possível conceber uma

---

<sup>37</sup> . Furtado, C. - *Dialética do ...*, p. 9.

racionalidade substantiva baseada na busca do "bem comum" faz a auto-superação do subdesenvolvimento depender, em última instância, da coragem dos governantes para enfrentar os desafios históricos e de sua criatividade para vislumbrar novos horizontes.<sup>38</sup> Ao considerar a possibilidade de um Estado dotado de racionalidade técnica, capacidade operacional e autonomia política para pautar as suas ações por um Projeto Nacional, Furtado oculta o caráter classista do padrão de dominação burguês e a sua limitada capacidade para "regular" e "reformular" o capitalismo. Em seu livro *Um Projeto para o Brasil*, Furtado explicita a essência de sua visão de Estado, de inconfundível inspiração weberiana: "Se se admite como, como doutrina pacífica, que a pequena minoria que controla a maior parte da capacidade produtiva de nosso país dispõe do poder e dos meios para opor-se com êxito a uma política de desenvolvimento que implica reduzir sua participação na renda nacional, a discussão do problema nos termos em que a fazemos aqui não tem sentido prático. Partiremos, entretanto, de uma hipótese diferente, ou seja, que o sistema de poder em nosso país não se confunde, exatamente, com a estrutura social que controla o sistema produtivo (...)"<sup>39</sup>.

Em suma, ao negar a existência de nexos necessários entre as forças produtivas, as relações de produção e as complexas dimensões que compõem a superestrutura de cada formação social, a teoria do subdesenvolvimento de Furtado oferece uma interpretação idealista do subdesenvolvimento. Recusando explicitamente a perspectiva do materialismo histórico,

<sup>38</sup> . Não é outro o motivo que levou Furtado a escolher uma inspiradora exaltação de Péricles como epígrafe de seu livro *Dialética do Desenvolvimento*: <<Lembrai-vos sempre de que não existe felicidade sem liberdade, e de que o fundamento da liberdade é a coragem>>.

<sup>39</sup> . Furtado, C. - *Um Projeto...*, p. 47.

Furtado rejeita a idéia de que existam relações necessárias entre produção e circulação, valores de troca e valores de uso, valorização do capital e antagonismos de classe, expansão do capitalismo e seu caráter desigual e combinado, geração de mais valia e alienação, capitalismo e socialismo. Dando primazia aos determinantes técnicos e culturais que impulsionam o processo de incorporação de progresso técnico, a crítica ao subdesenvolvimento se restringe a questionar os valores de uso gerados pelo processo de modernização dos padrões de consumo e seus impactos nefastos sobre a coesão social, a distribuição de renda e soberania nacional. A mediação entre a causa e o efeito destaca os efeitos da cópia dos estilos de vida e de consumo das economias centrais sobre a composição técnica do capital, o desenvolvimento das forças produtivas e a autonomia dos centros internos de decisão. Em *Dialético do Desenvolvimento*, Furtado explicita sua crítica ao materialismo: "Uma hipótese simplificadora como a que formulou Marx, grupando os elementos que compõem a estrutura social em infra-estrutura (relacionados com o processo produtivo) e superestrutura (valores ideológicos) teve extraordinária importância como ponto de partida para o estudo da dinâmica social. Até o momento presente essa hipótese não foi substituída por outra de maior eficácia explicativa, ao nível de generalidade a que foi formulada. Contudo, é necessário reconhecer que a esse nível de generalidade quase nenhum valor apresenta um modelo analítico como instrumento de orientação prática. E o objetivo da ciência é produzir guias para a ação prática"<sup>40</sup>.

A concepção idealista do processo histórico abre brechas para soluções utópicas, completamente descoladas das condições

---

<sup>40</sup> . Furtado, C. - *Dialética do ...*, p. 22.

objetivas e subjetivas que determinam as tendências efetivas da luta de classes. A esperança de um capitalismo civilizado, que está sempre além da linha do horizonte, alimenta um "possibilismo" que nunca se cumpre e que não encontra condições para se tornar força política real. Visto com o privilégio da experiência histórica, a fé na via capitalista de superação do subdesenvolvimento faz lembrar o personagem da literatura infantil alemã que apregoa ter saído da areia movediça puxando-se pelo próprio cabelo. Há muito tempo, em seu livro *Miséria da Filosofia*, Marx apontou os limites do utopismo como resposta aos problemas da sociedade capitalista: "O ideal corretivo que gostaríamos de aplicar ao mundo não é senão o reflexo do mundo atual. É totalmente impossível reconstituir a sociedade sobre a base de uma sombra embelezada da mesma. À medida que a sombra vira corpo, percebe-se que o corpo, longe de ser o sonho imaginado, é apenas o corpo da sociedade atual".

A comparação entre a convicção do jovem Furtado em relação ao futuro do Brasil e o ceticismo de seus últimos escritos, patente nas metáforas heróicas utilizadas para exaltar os homens de bem à ação, indica que ele próprio não desconhecia a baixa viabilidade de uma saída reformista para a tragédia do subdesenvolvimento (comparando-a, em certo momento, ao desafio de "trocar as rodas do trem em pleno movimento"). Em respeito à absoluta integridade intelectual e moral de Furtado, cabe advertir, no entanto, que a sua insistência em encontrar uma solução para o subdesenvolvimento dentro dos marcos do regime burguês, longe de representar um sintoma de irracionalidade, que estaria em aberta contradição com a sua interpretação histórica, trata-se, na realidade, de uma



conclusão perfeitamente coerente com a sua perspectiva weberiana de conceber a ação com respeito a um valor.<sup>41</sup>

## 5. O que fazer como o rico legado de Furtado?

Intelectual voltado para a *práxis*, Celso Furtado viveu numa época de profundas transformações e grandes turbulências econômicas, sociais e políticas. Em sua trajetória atravessou momentos históricos bem distintos. Até a consolidação da revolução burguesa como uma contra-revolução permanente, Furtado foi um dos principais arquitetos do projeto reformista - *A Fantasia Organizada* - que empolgou as lutas sociais e políticas nas décadas de 50 e 60. Refletindo em uma conjuntura marcada por um intenso debate intelectual sobre os desafios da sociedade latino-americana, em suas primeiras formulações Furtado defende a superação do subdesenvolvimento pela via do desenvolvimento nacional.

O aborto do processo de formação de Estados nacionais democráticos e soberanos afastou-o dos meios acadêmicos latino-americanos. A falta de base social para impulsionar o projeto reformista impediu que suas idéias fossem convertidas em força material concreta capaz de condicionar o curso dos acontecimentos. Banido da vida pública, suas reflexões se transformaram em uma espécie de resíduo crítico que anunciava o espectro de uma tragédia social. Não obstante a adversidade

---

<sup>41</sup> . A propósito não custa lembrar a observação de Raymond Aron: "El acto es racional, no porque tienda a alcanzar un fin definido y exterior, sino porque no aceptar el desafío o abandonar un navío que se hunde sería considerado cosa deshonrosa. El actor actúa racionalmente al aceptar todos los riesgos, no para obtener un resultado extrínseco, sino para permanecer fiel a la idea que se forja del honor", Raymond A. - *Las Etapas del Pensamiento Sociológico*, vol. 2., p. 224.

do contexto histórico, Furtado não perdeu a fé na possibilidade de uma solução civilizada para os terríveis impasses do subdesenvolvimento. Consciente de que a emergência do capitalismo posnacional não deixava margem para o desenvolvimento nacional, passou a advogar a possibilidade de combinar dependência e desenvolvimento.

Ao contrário do que se poderia supor, a substituição dos governos militares por democracias formais não implicou a volta de Furtado ao centro do debate público. A institucionalização da contra-revolução permanente manteve o veto ao pensamento crítico. Renegado pelo *establishment*, à medida que sua crítica radicaliza, denunciando o caráter particularmente perverso da nova dependência, aumenta o seu isolamento político e seu aleijamento dos centros de decisão da política econômica. Nos seus últimos anos de vida, seu prestígio intelectual e moral era inversamente proporcional à sua real influência sobre a opinião pública.

A rejeição das idéias reformistas de Furtado pelas classes dominantes e sua marginalização do debate nacional revelam os estreitos limites da razão burguesa na periferia do sistema capitalista mundial. Sem ter a quem dirigir sua pregação, Furtado amarga um longo ostracismo. De intelectual orgânico das forças que lutavam pelas "reformas de base", torna-se uma espécie de cavaleiro andante que, solitário, combate o absurdo de uma modernidade frívola que condena a sociedade ao círculo vicioso do subdesenvolvimento. Na epígrafe de seu livro, *Brasil: A Construção Interrompida*, escrito no início da década de 90, quando o vendaval neoliberal apenas começava sua devastação, ele reconhece - não sem uma elevada dose de auto-ironia - a extraordinária adversidade dos novos tempos:

“Resistir à visão ideológica dominante seria um gesto quixotesco, que serviria apenas para suscitar o riso da platéia, quando não o desprezo de seu silêncio. Mas como desconhecer que há situações históricas tão imprevistas que requerem a pureza de alma de um Dom Quixote para enfrentá-las com alguma lucidez? E como a História ainda não terminou, ninguém pode estar seguro de quem será o último a rir ou a chorar”.

A economia política é uma ciência fundamentalmente histórica. Compreender o papel e o significado de Furtado no pensamento latino-americano é esclarecer as potencialidades e os limites de sua teoria do subdesenvolvimento como interpretação dos problemas e dos desafios de um determinado momento histórico. A força de sua interpretação sobre as causas e as conseqüências do subdesenvolvimento reside na crítica de uma modernização elitista que compromete toda e qualquer possibilidade de conciliar capitalismo, democracia e soberania nacional. O limite de sua formulação é acreditar na viabilidade de auto-superação do subdesenvolvimento, na vã suposição de que existem bases objetivas e subjetivas para um capitalismo civilizado na periferia da economia mundial.

Ausente da bibliografia dos cursos de economia e marginalizado do debate intelectual, nos últimos anos o pensamento de Furtado tem sido reivindicado por muitos que não se conformam com o avanço da barbárie e buscam uma alternativa à asfíxiante hegemonia do pensamento único. Desvinculada de uma reflexão que supere seus limites, no entanto, a reafirmação pura e simples de suas idéias corre o risco de se transformar num simulacro de crítica. Sem condições históricas para converter-se em força política

real, a utopia de um capitalismo civilizado perde todo seu caráter progressista e passa a cumprir o inglório papel de camuflar a impotência de um pensamento que é incapaz de ir além dos parâmetros da ordem, bem como de dar um verniz de legitimidade e credibilidade a um "melhorismo", perfeitamente enquadrado na ordem neoliberal, que acena com a possibilidade de deter o avanço da barbárie sem questionar as causas estruturais que a determinam.

Após décadas de ilusão na possibilidade de uma saída para o drama latino-americano dentro da ordem burguesa, que resultaram em grandes derrotas políticas e no avanço descontrolado do processo de reversão neocolonial, uma sucessão de oportunidades perdidas e atores frustrados põe em evidência que o espaço de reforma do capitalismo latino-americano é inexistente. Para honrar a tradição intelectual de Furtado e seu compromisso com a construção de uma sociedade democrática dona de seu destino, é preciso ir além da razão burguesa e equacionar a necessidade inescapável de superação do capitalismo. O grande desafio consiste em pensar a questão nacional como um problema de classe que extrapola as fronteiras nacionais. Para tanto é indispensável recuperar a teoria do imperialismo como ponto de partida para a compreensão dos problemas dos povos que vivem no elo fraco do sistema capitalista mundial. Sem colocar em questão o papel central desempenhado pelo capital financeiro como mola propulsora do capitalismo contemporâneo e seu modo particularmente perverso de operar na periferia da economia mundial, não há como subordinar a vida econômica aos desígnios da sociedade.